

Inventários infantis
corpos, espaços e materialidades
Ana Paula Ximenes Ferreira

Inventários infantis

corpos, espaços e materialidades

Resumo: O presente artigo tem como objetivo, a partir da experiência de estágio docente, discorrer sobre as possibilidades de ativar os corpos das crianças que habitam os centros de Educação Infantil, desterritorializando os espaços das salas de atividades e propiciando a interação com diferentes e possíveis materialidades que têm à sua disposição. Para tanto, fundamenta-se em Martins e Picosque (2012), Góes (2021) e Cunha (2021), realizando apontamentos sobre o conservadorismo no ensino da arte, presente nos espaços dos centros de educação, que afasta a contemporaneidade e mantém os métodos tradicionais. Dialoga com as possibilidades apontadas na Base Nacional Comum Curricular — BNCC (BRASIL, 2018), frisando sobre o compromisso necessário das instituições e profissionais da educação para uma educação condizente com o tempo em que vivemos.

Palavras-chave: Arte/educação. Educação Infantil. Corpo. Materialidade. Neoconcretismo.

Children's Inventories

body, space and materiality

Abstract: This article aims, from the experience of teaching internship, to discuss the possibilities of activating the bodies of children who inhabit the Early Childhood Education centers, deterritorializing the spaces of the activity rooms and providing interaction with different and possible materialities that have at your disposal. For this, it is based on Martins and Picosque (2012), Góes (2021) and Cunha (2021), making notes on the conservatism in the teaching of art present in spaces in education centers, which distance the contemporaneity and maintain traditional methods . It dialogues with the possibilities pointed out in the Common National Curriculum Base - BNCC (BRASIL, 2018), emphasizing the necessary commitment of educational institutions and professionals to education consistent with the times in which we live.

Keywords: Art/education. Child education. Body. Materiality. Neoconcretism.

1 Introdução

Desde o início da idealização do projeto para a disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Visuais na Educação Infantil, o desejo era trabalhar com uma artista mulher e levar as obras realizadas para a sala de atividades a fim de expandir o repertório das crianças para além dos artistas homens e, dessa forma, garantir que artistas mulheres sejam citadas com mais frequência nos espaços escolares.

Ao apresentar a produção artística contemporânea brasileira às crianças, aproximando-as do que é atual, palpável e próximo delas, desmistificando a arte contemporânea como algo com acesso restrito a uma elite "intelectual" no contexto brasileiro, buscando promover uma proximidade da arte ao cotidiano e estabelecendo conexões do seu entorno social com o centro de educação, surgiu a opção de trabalhar com a artista Lygia Pape, devido ao teor crítico e sócio-político que constitui o trabalho dela — que, para além das denúncias e temas atribuídos, tem um visual lúdico e obras/objetos com apelo participativo e ativo do corpo — tornando, então, interessante sua abordagem para uma experiência com as crianças do ensino infantil.

Dona de uma vasta produção, Lygia Pape, carioca, nascida em 07 de abril de 1927, é uma das mais multifacetadas artistas do Brasil. Em sua trajetória, explorou muitas materialidades — esculturas, colagens, fotografia — e até uma pesquisa bastante particular acerca das dimensões do vídeo, esta realizada quase no fim de sua vida. As ideias expressas em algumas de suas obras reverberaram no desejo de trabalhar a arte dentro de um viés lúdico, mais imersivo e interativo com as crianças.

Nesse contexto, apresentar a arte contemporânea em forma de brincadeira para as crianças se mostrou necessário, desta forma, a escolha da obra “O divisor”, foi nosso dispositivo para o desenvolvimento de uma sequência didática com a intenção de atingir os objetivos previamente estabelecidos para o projeto. Ademais, por meio da obra escolhida, pudemos

trabalhar uma vasta gama de significados e de outras problemáticas de uma maneira divertida para as crianças. Assim, nasceu o “Reveza Pape”, jogo criado por nós¹ como material educativo.

O jogo tem como principal objetivo trabalhar noções de mobilidade, coletividade e de espacialidade, apresentando noções de espaço nas mais variadas formas possíveis de experimentação para as crianças.

Trazendo ao diálogo o conceito de objeto propositor, criado pela neoconcretista Lygia Clark, no qual a experiência passa a ser obra, e não só o objeto de arte, o que nasce, a partir dessa interação, é, na verdade, o real protagonista, a obra.

Quando Martins e Picosque (2012) realizam uma análise sobre os objetos propositores (também inspiradas em Clark), somos levados a compreender o jogo como parte do desenvolvimento da criança, pois o brincar não é uma atividade simplória, e sim, complexa, que exercita o corpo, o imaginário e o lúdico. O que nos remete diretamente à atual Base Nacional Comum Curricular — BNCC (BRASIL, 2018, p. 38), ao inferir que as crianças precisam:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Nesse contexto, os jogos, como mediação, têm potencial de intensificar as experiências estéticas e estésicas por meio dessa proposição lúdica. Para Martins e Picosque (2012, p. 78), “[...] os objetos propositores como mediação lúdica se oferecem de modo didático, impulsionando a sua utilização, recriação, transformação e novas invenções”.

Nessa perspectiva, nosso objetivo a partir dessa experiência de estágio é discorrer sobre as possibilidades de ativar os corpos das crianças que habitam os centros de Educação Infantil,

¹ O jogo “Reveza Pape” foi criado por Ana Paula Ximenes e Caio Cesar Curvello Lessa.

desterritorializando os espaços das salas de atividades e propiciando a interação com diferentes e possíveis materialidades que têm à sua disposição.

Para tanto, neste estudo, inicialmente, buscaremos em “Pape e os neoconcretistas” fundamentos para defendermos as experiências sensoriais na Educação Infantil. Em seguida, dialogaremos com as nossas “Experiências do estágio no contexto pandêmico” e os planejamentos possíveis como o “Reveza Pape: o corpo na arte contemporânea”. E, por fim, traremos nossas considerações, nas quais, ressaltaremos o compromisso necessário das instituições e dos profissionais da educação com uma educação condizente com o tempo em que vivemos.

2 Pape e os neoconcretistas: por uma experiência sensorial

A obra “O divisor”, de Lygia Pape, é o ponto de partida do projeto, pois foi por meio dela que construímos toda a sequência didática (plano de atividades) e a proposta do material educativo.

Foi entre os elementos levantados na argumentação desse trabalho de Pape, apresentado pela primeira vez em 1967, que a artista, tida como uma das principais precursoras do movimento neoconcretista brasileiro, reuniu algumas crianças de uma comunidade carioca, chamada Favela da Cabeça, e as colocou sob um tecido branco com as dimensões de 30 por 30 metros, no qual havia diversas aberturas por onde elas colocariam as suas cabeças para que, dessa forma, pudessem caminhar juntas, numa espécie de corpo coletivo unificado, levando às ruas algumas discussões de maior relevância durante aquele período como a repressão exercida pelo regime militar, em especial, quando relacionada às políticas de vigilância dos espaços públicos e, também, a algumas outras questões como o funcionamento coletivo/social de uma cidade/comunidade/metrópole.

Inventários infantis
corpos, espaços e materialidades
Ana Paula Ximenes Ferreira

O movimento Neoconcreto surgiu no final da década de 50, rompendo com o movimento concreto no país. Assim, vários artistas, incluindo Lygia Pape, desvincularam-se do grupo concretista de São Paulo, chamado Grupo Ruptura (1952), cujos projetos se colocavam extremamente racionais e dogmáticos, com tempos muito longos e objetivando a contemplação das obras. Em contrapartida, o desejo do Grupo Frente (1954), do Rio de Janeiro, que era composto por Lygia Pape, Lygia Clark, Helio Oiticica, Amilcar de Castro e Ferreira Gullar, era trabalhar de forma praticamente oposta, sem toda essa rigidez, de maneira mais solta, dando o protagonismo ao sensorial, ao imaginário e ao intuitivo. A experiência neoconcreta, colocada em seu manifesto em 1959, apresentava os artistas como pessoas que procuravam nutrir o sensitivo e a arte participativa, características que tinham se perdido, ou seja, propunham a interação com a obra, com o público.

A intencionalidade do movimento neoconcreto, quando assume o compromisso com a participação do público e o sensível, apresenta uma proposta pedagógica muito interessante ao ensino da arte, mesmo que de forma não intencional, podemos ver essa lógica na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) sobre o ensino infantil, no Campo de Experiência “Corpo, gestos e movimento”, ao propor que a criança, por meio do seu corpo, explore o mundo, os objetos e todo o entorno, estabelecendo novas relações e expandindo a sua compreensão.

Os neoconcretistas, ao retirarem o muro antes colocado entre o espectador e a obra, possibilitaram que o diálogo acontecesse de maneira quase que imediata, porque a obra não acontece na sua totalidade sem a participação do público. O público também é obra e vice-versa e, com essa relação estabelecida, a capacidade de visão de mundo e sobre si se transforma. Nessa perspectiva, ao interagir com a obra, a criança se conecta, esteticamente e por meio do corpo, com a arte e com o mundo.

Hoje, cinquenta e quatro anos após sua primeira apresentação, o tema que a obra “O divisor” denunciava ainda é uma realidade no cotidiano brasileiro. O regime caiu, novos governos se estabeleceram, desfizeram-se para que, assim, outros pudessem assumir o poder,

mas a repressão militar nunca deixou de existir, pelo contrário, ela foi institucionalizada e diluída por todo o território brasileiro.

Nas escolas localizadas em bairros classificados como “áreas de risco”, podemos presenciar a realidade de crianças e, assim, entender a vivência, o contexto e a necessidade de estabelecermos um diálogo aberto, direto e cuidadoso com elas acerca desses assuntos. Não é fácil ignorar os contextos sociais e culturais quando a aula é interrompida por sons de tiro, de brigas na rua ou de toda a violência que resulta da falta de manutenção das políticas públicas ocasionada por um olhar depreciativo para os bairros periféricos, negligenciando os direitos dessa população.

Além disso, a escola ainda se sustenta em um ensino que dociliza os corpos, que faz com que as crianças ainda se encontrem cerceadas no espaço, limitando suas experiências dentro das salas de atividades e, muitas vezes, sentadas em suas carteiras.

Segundo Góes (2021, p. 186), questões como essas implicam

[...] na discussão sobre como concebemos as crianças, seus processos de criação e interação, provocando-nos a refletir sobre as diferentes possibilidades de experienciar a arte por meio do processo vivido, pela experiência e pela estética do cotidiano da/na vida que se expressam por meio da pluralidade de linguagens, potencializando seus corpos, sua corporalidade, suas identidades e suas relações com o outro, com a natureza e com a vida.

Campregher (2008), em sua investigação sobre o desenvolvimento infantil, levanta diversos apontamentos dos autores Vigotski, Leontiev e Elkonin sobre a não existência de leis universais que regem o desenvolvimento de toda e qualquer criança em qualquer contexto ou tempo. Contudo, compreende-se também que o espaço no qual a criança se encontra socialmente inserida altera o contexto da infância.

Expandindo esse diálogo para além do cenário de vulnerabilidade social, encaminhando a um recorte de gênero, não é incomum o tratamento diferenciado para meninas durante a infância, pois, logo no início da jornada da vida, mulheres são “bombardeadas” com diversos estereótipos responsáveis pela normatividade, pela manutenção dos papéis de gênero na

Inventários infantis
corpos, espaços e materialidades
Ana Paula Ximenes Ferreira

sociedade, o que descaracteriza as ações das crianças, direcionando-as a uma única perspectiva juntamente com todas as outras, na qual, meninas devem seguir um padrão corporal e social, mostrando-se meigas, vestindo-se de rosa e gostando de corações e de animais que não são ferozes.

Fundamentadas em Góes (2021, p. 188), somos levadas a refletir que

[...] Todas essas transformações da arte reverberam, ou deveriam reverberar, na vida, nos espaços escolares e, conseqüentemente, no próprio ensino da arte. Mas será que as ações educativas, os dispositivos de mediação, os materiais educativos produzidos propõem a centralidade do corpo e as experiências estéticas e estésicas que dele advêm, principalmente, para as crianças da educação infantil?

Inferimos, então, que romper com a lógica que limita as concepções comportamentais acerca das crianças se inicia quando compreendemos os conteúdos que ensinamos, encarando o desafio de evitar, ao máximo, a transmissão de estereótipos, de histórias únicas que nos atravessam constantemente e cotidianamente.

3 Experiências do estágio no contexto pandêmico

Durante a pandemia do Coronavírus, as metodologias e as aplicações das disciplinas ocorreram de maneira adaptada, tanto no âmbito da Universidade quanto nas escolas onde os estágios foram realizados. Um capítulo totalmente inédito na história da humanidade refletiu diretamente na forma de execução de qualquer processo existente. O isolamento social interferiu nas relações trabalho/casa e escola/casa, o que antes tinha geolocalização distinta, incorporou-se em apenas uma.

A adaptação das/os docentes à tecnologia necessitou ocorrer com rapidez para acompanhar as várias medidas implementadas. Assim, as plataformas *online* ajudaram na aproximação entre as/os estudantes do estágio, realizadores deste estudo, e a professora

Inventários infantis
corpos, espaços e materialidades
Ana Paula Ximenes Ferreira

supervisora, mas, ainda assim, não foi possível se aproximar das crianças da escola, os sujeitos desta pesquisa.

O ensino da arte, neste contexto, teve como aliadas as ferramentas tecnológicas, assim, as telas digitais, durante o período pandêmico, foram responsáveis pela maioria das interações entre professoras/es e estudantes, logo, foram as ferramentas utilizadas para as conexões que realizamos.

A pandemia impôs às/aos arte/educadores da educação infantil lidar com corpos virtuais em um momento em que estavam tentando se libertar da concepção de “corpos dóceis” e compreender os corpos “interativos, propositores” e a arte como experiência vivida, experimentada por meio de todos os sentidos (GÓES, 2021, p. 189).

O corpo nesse espaço virtual não é novidade, assim como apontado por Góes (2021), o corpo físico se torna fixo ao espaço, enquanto o corpo virtual flui, transporta-se e viaja através das telas, obtendo acesso a todas as mídias sociais, que mudam a concepção da construção da identidade do ser. Porém, neste cenário, o corpo físico não se estabelece num só ambiente por vontade própria, pois a vontade do convívio e das experiências palpáveis cresce, gradualmente, a cada dia em que vivenciamos o distanciamento social.

Estes tempos de pandemia fizeram com que os estudos de ensino da arte que visavam à libertação dos corpos dóceis e da desterritorialidade se tornasse um desejo ainda maior para um futuro momento de interação com as crianças e, dessa maneira, pensamos em uma proposição de atividade educativa que, mesmo planejada remotamente, trouxesse essas ideias.

Pensando também nas crianças que não tiveram a oportunidade de cursar o ensino remoto por conta do acesso limitado, o projeto voltado para o momento de retorno presencial, que atua em nossas noções de coletivo e convivência, teria essa função de acolhimento após todo esse distanciamento dos centros de Educação Infantil, das/os colegas, das/os professoras/es e das/os funcionárias/os.

Para as crianças, essa convivência que se mantém no ambiente de educação, sendo ela com adultos ou com colegas, é de extrema importância, sendo assim, um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento assinalado pela Base Nacional Comum Curricular da

Inventários infantis
corpos, espaços e materialidades
Ana Paula Ximenes Ferreira

Educação Infantil é a possibilidade de a criança “[...] Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas” (BRASIL, 2018, p. 38).

Durante o período de atividades remotas, pudemos notar a falta de acessibilidade das famílias e das crianças atendidas às tecnologias da informação, pois, inúmeras vezes, houve relatos sobre a dificuldade de contactar algumas crianças, porque havia apenas um aparelho com acesso à internet que a família inteira usava. Outras crianças não tinham como realizar as atividades e apresentá-las *online*, então, a entrega dos materiais impressos ocorria na escola para que os responsáveis pudessem pegá-los e realizar a atividade com as crianças.

A aproximação das estudantes e dos estudantes estagiários com a professora supervisora, ocorrida de forma *online*, proporcionou uma ressignificação positiva nesta etapa da formação docente, na qual a troca entre a profissional da educação e as/os profissionais em formação ocorreu com menos interferências em relação ao que aconteceria de forma presencial, pois o cotidiano da sala de atividades dificulta essa atenção totalmente voltada para esse diálogo.

A produção de uma cartografia a partir do olhar do/a professor/a supervisor/a sobre o CMEI onde leciona nos apresentou uma visão específica, na qual ela pode efetuar apontamentos da vivência cotidiana da escola e do processo de adaptação do conteúdo, as defasagens do local de trabalho e o contexto social no entorno da escola, aspectos que influenciavam diretamente no desenvolvimento das atividades.

Ao trazermos o diálogo proposto por Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima (2006), quando compreendemos o estágio apenas como uma observação do fazer e a reprodução, sem que haja troca e aprendizado para nenhum dos envolvidos, o estágio *online* seria uma problemática, entretanto, sobre outra perspectiva pela qual o estágio docente faz uma análise crítica sobre conteúdo, a compreensão do contexto socioeconômico e a ampliação das

Inventários infantis
corpos, espaços e materialidades
Ana Paula Ximenes Ferreira

possibilidades pedagógicas, obtemos um resultado extremamente satisfatório nesse contexto pandêmico, pois não só de “chão de escola” é constituído o estágio docente.

4 Reveza Pape: o corpo na arte contemporânea

O material educativo Reveza Pape teve como inspiração a escultura social “O Divisor” (Imagem 01), de Lygia Pape, e objetivou levantar, juntamente com as crianças, questionamentos sobre mobilidade, espacialidade e coletividade em forma de brincadeira, ou seja, ludicamente, buscando, assim, aproximá-las dos ideais da arte contemporânea por meio de diálogos utilizando linguagens que fossem de fácil entendimento para elas.

A proposta do jogo, como uma atividade, seguiu uma sequência didática dividida em três momentos com as crianças para, dessa forma, apresentar-lhes a artista Lygia Pape e também o movimento Neoconcretista, que tem como característica a participação efetiva de pessoas para a ativação das esculturas sociais, pois as experiências que envolvem o corpo durante a infância expandem o repertório sobre a visão de mundo, propiciando que a criança conheça, através dessas experiências sensoriais, a sua própria vida. Para além da ampliação do conjunto de perspectivas visuais e de vida, o trabalho com o corpo auxilia nos processos de desenvolvimento do sistema motor.

Inventários infantis
corpos, espaços e materialidades
Ana Paula Ximenes Ferreira

Imagem 01. *Lygia Pape, Divisor, 1968.*



Fonte: Repositório de imagem *online*, Galeria Luisa Strina.

Durante a confecção do material, utilizamos quatro tecidos com um tamanho aproximado de dois metros de largura e dois metros de altura. O uso de lençóis de casal antigos foi sugerido também, como uma possível adaptação e visando à reutilização de materiais e a ressignificação do objeto. Assim, dentre os vários aspectos que podemos observar na arte contemporânea, a redução dos gastos se apresentava como consequência de uma enorme variedade de materiais que poderiam ser utilizados nas produções.

140

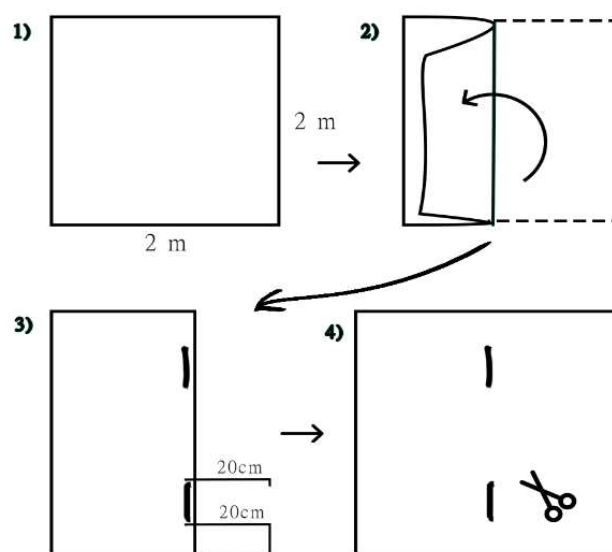
Intencionando trabalhar com o ensino da arte utilizando materiais que fogem do tradicional, abrimos um diálogo direto com a contemporaneidade e as infinitas possibilidades que são exploradas pelos os artistas atuais. Pensando no modo de tencionar as materialidades, Susana Rangel Vieira da Cunha (2021) nos apresenta uma semelhança entre as crianças e os artistas:

Ressalto que as crianças também se apropriam dos objetos, materiais e atribuem outros significados a eles, criando narrativas inusitadas. Entretanto, raramente a Escola percebe a proximidade entre o pensamento poético das crianças com o dos artistas de hoje. Se não há conexões entre Arte Contemporânea e modos de ensinar Arte, passam despercebidas as combinações frequentes que as crianças realizam com os objetos e materiais (CUNHA, 2021, p. 6).

Para além da mudança dos materiais, a forma com que a proposta de atividade é realizada também é importante, pois, segundo Cunha (2021), assumir uma abordagem contemporânea sobre materiais não é suficiente que as crianças trabalhem de maneira inventiva de forma imediata. O material tem que ser apresentado de forma instigante e desafiadora, pois as amarras com os estereótipos de representação imagéticos podem impedir essa experiência, independentemente do material.

Concordando com o posicionamento de Cunha (2021) sobre as materialidades, realizamos o procedimento utilizando lençóis. Um por vez, dobrando ao meio, fizemos uma marcação inicial na linha de dobra, de cima para baixo, com exatos vinte centímetros. A partir da primeira marcação, traçamos uma linha que seria utilizada como a abertura para a cabeça, sucedendo o mesmo procedimento do lado oposto, finalizamos as marcações e cortamos na área sinalizada (Imagem 02):

Imagem 02. *Desenho tutorial de confecção de lençol, Ana Ximenes, 2021.*

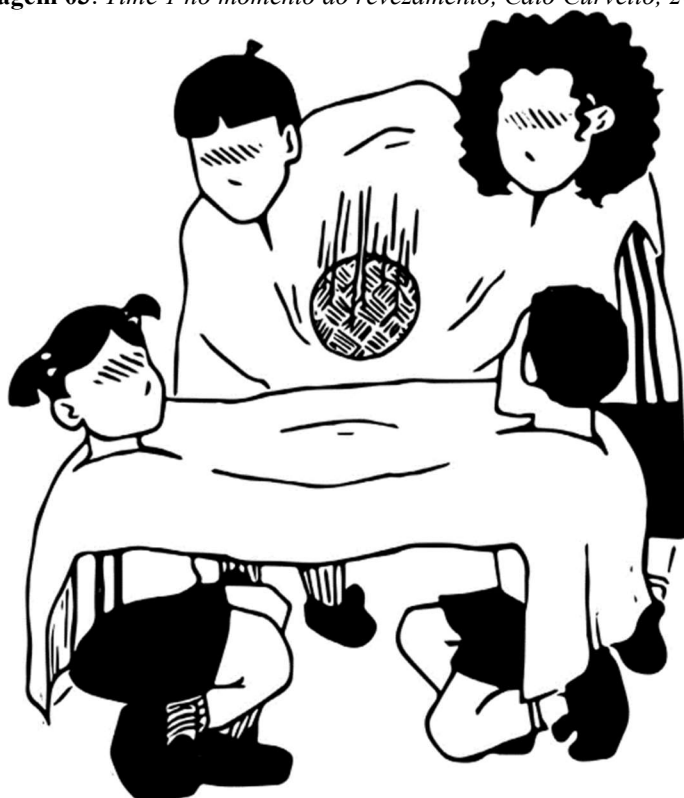


Fonte: Acervo pessoal Ana Ximenes

Inventários infantis
corpos, espaços e materialidades
Ana Paula Ximenes Ferreira

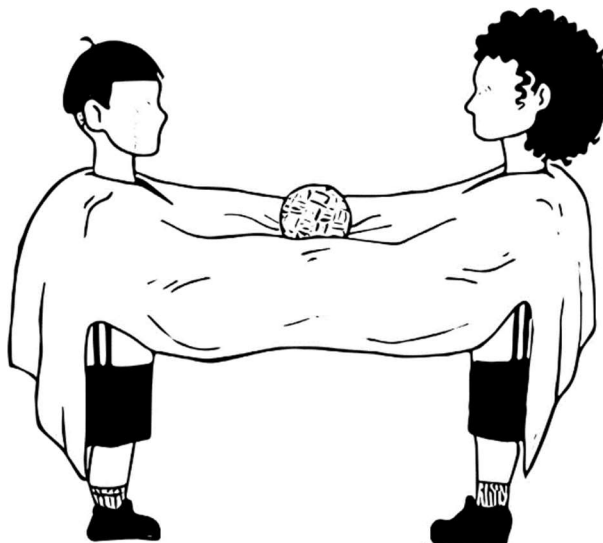
Na proposição da atividade, seriam necessários dois times, cada um com quatro integrantes. Cada time utilizando dois lençóis adaptados e uma bola para o revezamento. Desse modo, após vestirem os seus lençóis em duplas, os times iniciavam o jogo (Imagem 03). O objetivo era levar a bola ao ponto de troca, até a outra dupla, sem deixar cair. Depois do revezamento, a segunda dupla deveria completar o percurso até a linha de chegada (Imagem 04). O time que completasse o percurso em menos tempo se tornaria o vencedor.

Imagem 03. *Time 1 no momento do revezamento, Caio Curvello, 2021.*



Fonte: Acervo pessoal de Caio Curvello

Imagem 04. *Time 1 vestindo lençol e carregando bola até a linha de chegada, Caio Curvello, 2021.*



Fonte: Acervo pessoal de Caio Curvello

Para a proposta do primeiro dia de atividades, o objetivo era trabalhar os conceitos de espacialidade, corpo-arte, pretendendo a ativação destes corpos com as crianças por intermédio de uma simples brincadeira de roda. Então, de mãos dadas, pedimos que dessem passos em direção ao centro até ficarem próximas. Logo após, teriam de se locomover para as extremidades da sala/pátio, sem soltar as mãos, e voltar ao lugar inicial. Ao fim da atividade proposta, as crianças seriam reunidas em um círculo no qual teríamos um momento de conversa, discutiríamos como foi se locomover coletivamente, tencionando discutir as percepções sobre um corpo-coletivo e corpo-individual.

Em um segundo momento, apresentamos a artista que escolhemos, Lygia Pape, mostramos sua obra “O Divisor” e, para não deixar que esse primeiro contato se tornasse simplório, pedimos às crianças que opinassem sobre os aspectos que perceberam ao observar a obra. Criando uma relação mais próxima, e palpável, com a vida das crianças, apresentamos um novo jogo, o pega-pega corrente, no qual, quem for pego deve permanecer de mãos dadas,

Inventários infantis
corpos, espaços e materialidades
Ana Paula Ximenes Ferreira

assim, sucessivamente, até formar uma grande corrente. O nosso objetivo com essa brincadeira foi o de trazer o imaginário da criança o mais próximo possível da poética da artista.

Após as dinâmicas realizadas anteriormente, apresentamos o jogo criado por nós, o *Reveza Pape*, estabelecendo um diálogo com as crianças sobre as regras, mostrando os desenhos/tutorial de como jogar e tirando todas as dúvidas que derivassem desse momento introdutório. Para isso, a turma foi dividida em dois grupos, dois times com quatro crianças cada, para que, então, pudéssemos “vesti-las” com os lençóis e prepará-las para brincadeira.

Os três momentos de atividades foram idealizados para que, gradualmente, a ativação do corpo-individual e do corpo-coletivo fosse realizada de forma leve, e sem muitas amarras, já que utilizamos uma atividade que se nutre das ideias criadas pelos neoconcretistas.

5 Considerações finais

Discorrer sobre as possibilidades de ativar os corpos das crianças que habitam os centros de Educação Infantil, desterritorializando os espaços das salas de atividades e propiciando a interação com diferentes e possíveis materialidades que têm à sua disposição foi o que nos moveu a refletir sobre o ensino da arte contemporânea, pois a prática docente, diversas vezes, não é condizente com o tempo e a sociedade em que estamos (CUNHA, 2012). A reprodução de uma perspectiva conservadora nos olhares sobre a Educação Infantil se perpetua por décadas, e cabe ao educador assumir o papel de ruptura com esta perspectiva.

Trazendo pontuações necessárias sobre o ensino da arte, Cunha (2021) nos alerta sobre a necessidade de se explorar os mais diversos materiais e espaços que obtivermos, visando à ampliação dessa perspectiva de repertórios pedagógicos, desterritorializando os espaços de ensino, incentivando os descobrimentos sensoriais que a arte contemporânea nos permite, dialogando diretamente com as maneiras de pensar das crianças.

Inventários infantis
corpos, espaços e materialidades
Ana Paula Ximenes Ferreira

Considerando todos os apontamentos para o ensino da arte na Educação Infantil, os caminhos pertinentes para uma educação que não contribua com a manutenção do sistema de estereótipos conservadores estão sendo indicados progressivamente. Esse é o grande desafio das/os profissionais e das instituições de ensino ao firmarem o compromisso com a educação, cujo objetivo é proporcionar a experiência e a vivência da criança, sem inviabilizar ou moldar qualquer bagagem do sujeito.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC, 2017). Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf> Acesso em 24 de julho de 2021, às 16h. p. 31-51.

CAMPREGHER, Juliana P. **Desenvolvimento infantil e ensino: a análise histórico-cultural de Vigotski, Leontiev e Elkonin**. Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT20-4173--Int.pdf>> Acesso em 13 julho. 2021, às 9h45.

CUNHA, S. R. V. DA. **Materiais da/de Arte para as crianças**. Olhar de Professor, v. 24, p. 1-25, 24 abr. 2021. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/17695>> Acesso em 30 de Setembro. 2021, às 18h38

GÓES, Margarete Sacht. Dos corpos dóceis aos interatores? Como ensinar arte na educação infantil quando a perda do enquadramento faz com que a arte se misture à vida? In: **Utopia, distopia, heterotopia: paisagens culturais e políticas de formação** [recurso eletrônico] / Margarete Sacht Góes ... [et al.], Organizadores. - Dados eletrônicos. - Vitória: UFES, Digital ProEx, 2021. 359 p.: il.

MARTINS, Mirian; PICOSQUE, Gisa. **Objetos propositores: a mediação provocada**. In: **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Editora Arte por escrito/Rizoma Cultural. Content Stuff, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis**. Disponível em:

Inventários infantis
corpos, espaços e materialidades
Ana Paula Ximenes Ferreira

<<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf>> Acesso em 13 Dez. 2020, às 07h55.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/271147223_ESTAGIO_E_DOCENCIA_DIFERENTES_CONCEPCOES>. Acesso em 25 Agosto 2021.